ENTRE CACOS DE CERÂMICA E FLORES: AS PAISAGENS NO SÍTIO MACURANY, AMAZÔNIA

Clarice Bianchezzi[1]

Resumo
A comunidade do Macurany localiza-se ao sul da cidade de Parintins, estado do Amazonas. A localidade tem acesso por via terrestre e fluvial e faz parte de Área de Proteção Ambiental - APA situada nas margens do Lago do Parananema. O local apresenta volume significativo de artefatos arqueológicos dispersos pela extensa faixa de Terra Preta de Índio (TPI). Proponho uma breve reflexão sobre a forma como a paisagem é significada pelas pessoas que moram sobre o sítio arqueológico, considerando os sentidos ativados a partir de suas experiências cotidianas com a materialidade do passado.

Palavras-chave: sítio arqueológico; paisagens significadas; experiências.

1. INTRODUÇÃO

Esta breve exposição se orienta por uma questão: como a paisagem é significada pelas pessoas que moram sobre o sítio arqueológico Macurany? Para isso, proponho uma reflexão sobre os aspectos que compõem essas paisagens, principalmente, aquelas que se referem ao sítio arqueológico Macurany - constituído por uma extensa área de Terra Preta de Índio (TPI)[2], em Parintins, estado do Amazonas - e que compreendem as áreas de cultivo e residência,

[1] Doutoranda do Programa de Antropologia - Área de Concentração: Arqueologia da Universidade Federal do Pará – UFPA. Docente do curso de Licenciatura em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas e vice coordenadora do Grupo de Pesquisas em Educação, Patrimônio, Arqueometria e Ambiente na Amazônia – GEPIA/UEA. Estudante vinculada ao grupo de pesquisa Arqueologia no Contemporâneo/CNPq. E-mail para contato: cbianchezzi@yahoo.com.br.

[2] TPI – Terra Preta de Índio – solo fértil resultante da deposição de matéria orgânica decorrente da ocupação humana no passado e muito frequente na região amazônica (cf. Garcia et. al. 2015).

considerando que "paisagens não são quadros pendurados prontos para serem descritos, são espaços que necessitam ser experimentados (...) É preciso se emocionar, é preciso sentir e é preciso se envolver" (Pellini 2014: 139).

2. A RELAÇÃO COM A PAISAGEM

Pensar sobre as paisagens na comunidade do Macurany e compreender as relações estabelecidas entre as pessoas e essas paisagens configuram algumas das inquietações que motivaram o desenvolvimento do projeto de pesquisa ao qual venho me dedicando desde 2017[3]. Minha experiência nessa área de pesquisa é anterior ao meu ingresso no doutorado. Como docente da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, n Campus de Parintins, tenho tido oportunidade de acompanhar o cotidiano no Macurany, o que provocou, ao longo do tempo, uma mudança em minha própria perspectiva sobre o lugar.

Figura 01 - Passarela construída sobre vala do sítio arqueológico indicada pela seta e residência. Foto: Cristian Sicsu da Glória, 2017.

Figura 02 - Jardim com Terra Preta de Índio e cacos de cerâmica arqueológica. Foto: Michel Carvalho, 2017.

Em um primeiro momento essas paisagens pareciam "naturais", sem grande expressividade, mas mais adiante me causavam certo encantamento porque são lugares povoados de sentidos. Como ocorre em toda a região amazônica, as paisagens que constituem o Macurany existem pela intervenção humana na longa duração. A *figura 01* mostra o deslocamento possibilitado pela passarela que liga as duas áreas da residência: espaço de preparação de alimentos e espaço para descanso, acolhimento; e o acesso ao varal de roupas. O empenho na construção da passarela, de certo modo, "vence/supera" a vala que é parte do sítio arqueológico pré-colonial[4] e que impedia o movimento entre parte da residência e o seu entorno. De forma metafórica, a passarela une o passado (vala do sítio) e o presente (áreas da residência), tornando essas paisagens povoadas pelas memórias, emoções e ações que dão sentido ao lugar e que

[3] Bianchezzi, C. Patrimônio Arqueológico e Comunidades Locais: Apropriações, Usos e Significados dos Vestígios Arqueológicos pelos Moradores do Sítio Macurany, Parintins, Amazonas. Projeto de Pesquisa (Doutorado) PPGA, Universidade Federal do Pará, 2017. (Orientadora: Marcia Bezerra).

[4] Evidências de valas artificiais são encontradas em sítios arqueológicos em outras localidades da Amazônia (cf. Moraes & Neves 2012).

compõem e qualificam a vida da família que ali reside hoje. Como diz Bezerra de Meneses (2002: 188-189) a respeito da relação entre as pessoas e o patrimônio arqueológico:

> "(...) sou o que sou num espaço ocupado, habitado e, numa palavra, apropriado por muitos outros muito antes de mim. Nessa linha, a informação arqueológica, dando-me a medida da ação humana e do trabalho humano, confere uma espécie de selo de dignidade ao espaço em que estou presente. Independentemente, portanto, da diferença e da distância, há uma trilha de identificação, que introduz qualidade na vivência."

Esse é o caso do Macurany onde as "pessoas estão diretamente envolvidas por estarem morando e vivendo junto e próximo ao sítio" (Reis 2007: 35). A área do sítio além de abrigar residências é também local de cultivo de cebolinha, coentro, pimentas, jerimum, maracujá, banana, melancia, mandioca, mamão que são importantes à subsistência familiar. A relação que se estabelece entre as pessoas e a terra funde a terra nutriz onde é lançada a semente, ou a rama, capaz de produzir uma nova planta que gera folhas, frutos, raízes ou sementes – o alimento; e os sentidos ativados pela experiência humana com as essas paisagens cotidianas.

Para esses coletivos de agricultores a relação com a terra, em sua essência, entrelaça experiências, memórias, vida. Portanto, é preciso levar em consideração as relações que eles estabelecem com a terra e o que nelas existe, neste caso os sítios arqueológicos. Suas narrativas são importantes para que tenhamos acesso aos significados que essas paisagens adquirem sob diferentes perspectivas, de acordo com distintas experiências sensoriais. Afinal, não vivemos nos lugares sem nos relacionarmos com eles. Nós sorrimos, choramos, festejamos, amamos, nos alimentamos, morremos em um lugar, assim constituímos, e somos constituídos, pelas paisagens nas quais vivemos (Ingold 1993).

Então, como dizer que essas paisagens não são significativas para as pessoas que moram no local? Quais são os sentidos e as experiências que constituem essas paisagens? Pellini (2014) destaca que, normalmente, as pessoas se ligam e se vinculam a determinados lugares após uma longa e lenta experiência de convívio. Entendo que percepções cotidianas dessas pessoas transformam o lugar em paisagens significadas, plenas de sentimentos resultantes da intensa experiência que, como já apontado por Bezerra (2013; 2017), emaranha a biografia das pessoas e das coisas do passado na Amazônia.

No Macurany, a materialidade da terra e do caco de cerâmica arqueológica se emaranham com as flores que enfeitam o quintal (*figura 02*), se espalham na roça entre as raízes, troncos e folhas de mandioca, entre o caule rasteiro e as folhas do jerimum, entre as folhas da cebolinha e coentro. As flores que ali germinam e se abrem, assim como as plantas cultivadas, mostram que os coletivos humanos resignificam lugares e paisagens, estabelecendo relações capazes de manter a vida fluindo no passado e no presente.

Referências Bibliográficas

Bezerra, M. 2013. Os Sentidos Contemporâneos das Coisas do Passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista Arqueologia Pública*, v. 7: 107-122.

_____. 2017. *Teto e Afeto*: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GK Noronha.

Bezerra de Meneses, U.T. 2002. Identidade Cultural e Arqueologia. In Bosi, A. (org.) *Cultura Brasileira*: temas e situações. (4): 182-190, São Paulo: Ática.

Garcia, L. et al. 2015. Caracterização de solos com terra preta: estudo de caso em um sítio tupi-guarani pré-colonial da Amazônia oriental. In: ***Revista de Arqueologia***, v. 28 (1): 52-81.

Ingold, T. 1993. The Temporality of the Landscape. In: *World Archaeology*, v. 25 (2): 152-174.

Moraes, C. P.; Neves, E.G. 2012. O ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. In: *Amazônica*, v. 4 (1): p. 122-148.

Pellini, J.R. 2014. Paisagens: práticas, memórias e narrativas. In: *Habitus*, v. 12 (1): 125-142.

Reis, J. A. 2007. Lidando com as coisas quebradas da história. In *Revista Arqueologia Pública*, São Paulo (2): 33-44.